

DA MORTE DE BRITO BROCA

CARLOS HEITOR CONY

Esbarrei com ele no sábado, à tarde, quando vinha para a redação. Ele saía do arquivo trazendo um artigo cautelosamente intitulado "Seria Castro Alves espírita?". Guardaria o artigo, estudaria tudo aquilo, conferiria as datas, os nomes, os locais, talvez fizesse dali um roteiro para uma série de pesquisas. Mas no sábado, o artigo era apenas um pedaço de papel em suas mãos que tinham encontro com a morte.

Ele reparou no meu blusão, um blusão cabuloso que me trouxeram da Guatemala.

- Você está horrível com esta roupa!
- É uniforme de subliterato.

Riu amarelo, sempre ria amarelo. Para rir vermelho ou azul precisava beber um pouco. Lúcido, só conseguia rir assim, sem mostrar os dentes e a alma. Era um homem que preferia atravessar a Rua do Ouvidor nu em pêlo a vestir um blusão daqueles.

Saiu pela porta da redação guardando no bolso a tira de papel que falava em Castro Alves e nos espíritos. Quando a porta fechou - eu não sabia que seria a última vez. Agora procuro lembrar o riso amarelo. Insisto no último gesto, no último olhar trocado. Devia haver alguma coisa para anunciar a última vez. Eu não notei nada. Ou não teria sabido olhar? É preciso aprender a olhar aqueles que vão morrer. De uma forma geral e acaciana, precisamos todos aprender a morte.

No dia seguinte, apanhado de surpresa pela surpresa, fui a seu enterro com o mesmo blusão guatemalteco. Todos estavam circunspectos e graves, roupas escuras, óculos escuros, escuros os semblantes e escura a dor. O blusão espalhafatoso era uma ferida aberta naquele velório discreto e apressado. Fechado em seu caixão, ele pedia desculpas pela amolação involuntária que dava a seus amigos. E desculpava, também aqueles que o amavam.

*

Nos últimos oito meses jantávamos todos os dias juntos. Coincidências de horários e gostos, pedíamos sempre o mesmo prato e rachávamos a mesma água mineral. Brigávamos muito - ele que não brigava com ninguém. Inimigo, ao longo de seus 58 anos, só conseguia conservar um: o rádio de uma vizinha que lhe trans-tornava o juízo e os artigos. Por várias vezes se prometia uma solução cruenta; invadir o apartamento da vizinha e quebrar o rádio na ignorância. Jamais faria isso mas gostava de imaginar que um dia seria capaz.

O último livro que leu e gostou foi *Alma do Tempo*, prosa afonsina, contendo reminiscências pessoais e ministeriais. Lia muitos livros por necessidade crítica,

mas pulando páginas “só para fazer uma idéia”, deleite mesmo - e disso pode se orgulhar o fidalgo Arinos - foi o de *Alma do Tempo*. O livro abria-lhe um campo quase virgem em suas pesquisas, eram centenas de datas e locais e jornais e fatos que eram necessários arquivar e decorar.

Não me dei ao respeito de ler a prosa afonsina, mas é como se a tivesse lido. Todas as noites ele me trazia os nomes, os episódios, corrigia ou acrescentava datas e pormenores. Para chateá-lo, eu falava em Jules Dassin ou em Fellini. Raramente concordávamos em alguma coisa, mas no dia seguinte, por pior que houvesse sido a discussão da véspera, o riso amarelo era o mesmo quando perguntava:

- Esse troço aí está bom?

- Mais ou menos.

- Tem muita gordura?

- Um pouco.

O assunto não pegava. Então ele esfregava as mãos:

- Sabe que o Pardal Mallet...

- Brito, eu não quero nada com o Pardal Mallet!

- Mas ele foi testemunha do duelo com o Coelho Neto!

- Isso para o Coelho Neto!

Secretamente, ia aprendendo como Coelho Neto e outros netos e filhos e pardais eram brigões e como Brito era de paz.

*

Paz que sem avisar a ninguém ele foi gozar junto aos mortos a que tanto amou, com eles repartindo a bondade de sua solidão e a humildade de seu silêncio.

Texto publicado no volume *Da Arte de Falar Mal*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1963.